



TU DORIMA ESTÁ CALATO, ¡PUES!: UMA ABORDAGEM OTIMALISTA DA METÁTESE NO ARGOT PERUANO

HEY, YOUR BANDHUS IS KEDNA!: AN OPTIMALITY
APPROACH TO THE METATHESIS IN A PERUVIAN ARGOT

Thayssa Taranto Ramírez¹
Universidade Federal Fluminense

Carlos Alexandre Gonçalves²
Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq

Resumo: O presente artigo tem por objetivo analisar o fenômeno da metátese na *jeringa* peruana com base na Teoria da Otimalidade (TO), em sua versão dita clássica (PRINCE & SMOLENSKY, 1993). A metátese (ali conhecida como *vesre*) é um processo formal que consiste no reordenamento de sílabas/segmentos de uma palavra para, no *argot*, (a) encobrir seu significado, (b) imprimir-lhe novos sentidos ou (c) brincar com sua forma. Como exemplo, observamos a utilização de “*yapla*” e “*dorima*” em lugar de *playa* [praia] e *marido* [cônjuge]. Neste texto, analisamos, com base em restrições universais ordenadas em uma hierarquia de relevância, palavras trissílabas extraídas de um jornal popular peruano: o *Ajá*, mais especificamente, a “coluna de fofocas” *Ya fuiste*. Quanto aos resultados, observamos que as formas de superfície são trocaicas, não apresentam rimas ramificadas na sílaba final nem *onsets* complexos; além disso, violam minimamente a relação de contiguidade entre sílabas. Desse modo, concluímos que o referido processo apresenta regularidade, sendo, portanto, passível de exame com os instrumentos da TO, desde que as demandas de marcação sobreponham as de fidelidade num ranqueamento que reflete bem o conflito entre essas duas principais famílias de restrição.

Palavras-Chave: Língua Espanhola; *Argot*; *Vesre*; Metátese; Teoria da Otimalidade

¹ tveriakova@hotmail.com

² carlexandre@bol.com.br

Abstract: *This article aims to analyze the phenomenon of metathesis in the Peruvian jeringa based on Classical Optimality Theory (PRINCE & SMOLENSKY, 1993). Metathesis (known as vesre) is a formal process that consists in reordering of syllables or segments of a word whose purpose, in the argot, may conceal its meaning, print on it new meanings or simply play with its form. As an example, we note the use of "yapla" and "dorima" instead of playa [beach] and marido [husband]. For this research we analyzed, based on hierarchically listed restrictions, trissyllabic words extracted from a popular Peruvian newspaper. As the results, have found that the optimal shapes are a trochee with right edge unbranched (no complex onset) and at most one violation of the contiguity between syllables. So, we conclude that this case presents some regularity, thus being subject to examination.*

Key-Words: *Spanish Language; Argot; Vesre; Metathesis; Optimality Theory.*

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo analisar de que maneira a metátese opera em palavras trissílabas da *jeringa* peruana. A abordagem dos dados é realizada com base na Teoria da Otimalidade (TO), em sua versão dita clássica (PRINCE & SMOLENSKY, 1993).

Conhecido popularmente como *vesre* (isto é, *revés*, "ao contrário"), o fenômeno da metátese aplicado a *argots* de língua espanhola foi identificado primeiramente por Teruggi (1974) no *lunfardo* argentino. O fenômeno, tradicionalmente descrito como processo de permutação, deslocamento ou reordenamento de sílabas ou segmentos no interior de uma palavra (ABAD, 1986; CRYSTAL 1988), tem sido empregado por certos grupos de falantes já há alguns séculos, a julgar pela presença de palavras ao *vesre* numa obra editada por Hidalgo em 1609, intitulada *Romances de germanía de varios autores* (TERUGGI, 1974).

Na primeira parte do trabalho, tecemos algumas considerações sobre o fenômeno da metátese, tanto com base em propostas mais tradicionais quanto por meio de abordagens mais recentes. Em seguida, fazemos uma breve introdução acerca do conceito de *argot*, com o objetivo de situar o fenômeno em estudo, além de abordar as origens do *vesre* e as motivações de seu emprego pelos falantes.

Na seção que segue, tratamos de descrever a maneira como a metátese opera na variedade de espanhol peruano com base em palavras extraídas do *corpus*. Posteriormente, apresentamos, ainda que brevemente, os principais aspectos do modelo que embasa nossa análise: a TO. Por fim, delimitamos que tipo de restrições são relevantes para o padrão ora em estudo e de que maneira

seu ordenamento possibilita selecionar as formas de superfície que de fato se realizam na *jeringa* peruana. Os dados foram extraídos da edição *on-line* do recentemente extinto³ jornal popular peruano *Ajá*, e, mais especificamente, da “coluna de fofocas” *Ya fuiste*, publicada no intervalo de 08/06 a 08/07/2010.

1 CONCEITUANDO A METÁTESE SEGUNDO DIFERENTES PERSPECTIVAS

Segundo a perspectiva tradicional (cf. DUBOIS *et. al.* 2011), a metátese tem sido caracterizada como processo de permutação, deslocamento ou reordenamento de sílabas ou segmentos no interior de uma palavra, devendo ocorrer sob condições específicas. Exemplos de metátese podem ser encontrados nos estudos de linguística histórica, como é o caso de “sempre” (do latim *semper*), “quebrar” (do latim *crepare*) e “primeiro” (do latim *primariu*). São também consideradas metáteses realizações como “largatixa” (em lugar de “lagartixa”), “estauta” (em lugar de “estátua”) e “drobar” (em lugar de “dobrar”).

A definição apresentada, no entanto, carece de maior detalhamento acerca das especificidades do processo e de seu constante emprego nos dias de hoje, ainda que com menor frequência se comparado a outros fenômenos, tais como a assimilação, a dissimilação e o apagamento (HUME, 2001; HORA *et al.* 2007). De acordo com Hume (2001), apesar de ter havido um incremento, nos últimos anos, nos estudos de metátese com base em dados de várias línguas naturais, permanecem ainda desconhecidas as formas como ela se manifesta, as condições sob as quais ocorre, suas motivações e como interage com outros processos que afetam a estrutura sonora das línguas.

Em consequência, mostra Hume (2001), nenhuma teoria fonológica, linear ou não-linear, conseguiu formalizar o fenômeno de modo a fornecer uma

³ Antes de sua extinção, o referido jornal encontrava-se disponível no seguinte endereço: <http://www.aja.com.pe>. Segundo informações, o diário, criado em 1994, teve sua última publicação no dia 31/12/2013 em função da compra do grupo *Epensa* pelo grupo *El Comercio*. Após 19 anos de existência, decidiu-se pelo encerramento das atividades do jornal pelo fato de ele ser concorrente direto do tabloide *Trome*, versão popular veiculada pelo grupo *El Comercio*. Fonte: <http://www.larepublica.pe/31-12-2013/diario-aja-publico-ayer-su-ultima-edicion-tras-19-anos>. Além da presença de termos da *jeringa*, a referida coluna chamou nossa atenção devido à espontaneidade da linguagem, a julgar pela quantidade de onomatopeias, exclamações, reticências, alterações fonéticas etc. A impressão que se tem é que esses elementos foram empregados de forma proposital pela colunista com o objetivo de simular a linguagem oral, visando a estabelecer, assim, um maior grau de intimidade com o leitor.

explicação unificada do mesmo. Por conta disto, a metátese continua a ser vista como processo esporádico e irregular, restrito a “erros” de *performance* (em inglês denominado de *spoonerisms*), à fala infantil ou a mudanças sonoras provocadas por restrições na estrutura fonotática da língua.

Segundo Hora *et. al.* (2007), cujo trabalho está voltado para o estudo de metátese no Português Brasileiro (PB), o referido processo não pode ser considerado aleatório, uma vez que decorre da conjugação de fatores estruturais e sociais. Para esses autores, há restrições que claramente condicionam sua ocorrência, como, por exemplo, a direcionalidade, o domínio prosódico e o contexto segmental. No que tange ao social, demonstram que o uso de metátese limita-se, no caso do PB, apenas a variedades não-padrão, não se firmando, portanto, como um processo lexical na língua.

À semelhança do PB, nas demais línguas românicas, como no espanhol e no francês, a metátese parece restringir-se apenas ao nível diastrático, haja vista sua presença em *argots* como o *lunfardo* riopratense, a *replana* peruana, o *caroleno* mexicano, a *revesina* panamenha e o *verlan* francês. Quanto à sua utilização nesse contexto, acreditamos que a metátese possa ser explicada pelo fato de ser fortemente regulada por fatores externos à fonologia, isto é, aqueles que envolvem percepção, produção, cognição e sociedade (HUME, 2001).

Por outro lado, não podemos desprezar o fato de muitas línguas naturais terem lançado mão desse recurso com a finalidade de promover ajustes fonéticos de natureza variada, e é com base nesses casos que o caráter marginal tradicionalmente conferido à metátese deve ser questionado. De acordo com Hume (2001), o emprego da metátese em um contexto de baixa saliência, por exemplo, tem por finalidade ressaltar o contraste entre os sons, de forma a facilitar sua percepção pelo ouvinte. Recorre-se à metátese, também, em situações em que há necessidade de otimizar a articulação de uma sequência consonantal fora dos padrões gerais da língua, de forma a evitar grupos impronunciáveis.

A metátese pode ocorrer, ainda, como produto de uma tendência a simplificar representações cognitivas relativas à realidade sentida. Essa tendência de generalização é a base para a formação de categorias nos sistemas cognitivos gerais, resultando naquilo que se costuma chamar de analogia. Também a necessidade, durante o processo comunicativo, de utilizar-se de formas passíveis de aceitação e reconhecimento pelo interlocutor tem sido referida como outra razão para a metátese, o que lhe confere um papel social (HUME, 2001).

Diante desse quadro, vemos que a metátese está muito mais presente no plano sincrônico do que afirma a literatura. Além dos casos acima mencionados, existem dezenas de outras línguas em que a reordenação segmental é comum, como é o caso do *aymara* e do *quechua* (DAVIDSON, 1977), do árabe palestino (HERZALLAH, 1987), do georgiano (HEWITT, 1995), do hebreu (DOR, 1993) e do húngaro (VAGO, 1980).

2 O VESRE: UM FENÔMENO RELACIONADO À GÍRIA

O *vesre* pode ser descrito como um fenômeno de caráter gíriático, isto é, relativo ao *argot*. Com a aplicação desse fenômeno, a ordem dos segmentos ou das sílabas de determinada palavra é alterada, podendo haver perda ou inclusão de segmentos, como é o caso de “*tácuen*” (< *cuéntan*, “contam”) e “*lórcho*” (< *chólo*, “migrante andino”). Daqui em diante, representamos os casos de metátese extraídos do *corpus* com acento agudo para indicar a sílaba tônica, ainda que tal sílaba não seja acentuada graficamente.

De acordo com Calvet (1994), o *argot* pode ser definido como um tipo especial de linguagem, sendo empregado por grupos específicos visando a um objetivo comum. A fim de ampliar seu repertório lexical, os falantes de determinado *argot* se utilizam de processos de criação⁴ que podem atuar sobre o sentido ou sobre a forma de uma palavra. Em suma, o *argot* se caracteriza por ser um linguajar que respeita as estruturas fonológicas, morfológicas e sintáticas da língua, diferenciando-se, porém, no plano lexical.

Quanto às razões de sua utilização, o *vesre* pode ser motivado, de acordo com Calvet (1994): (a) por um desejo de ocultamento daquilo que efetivamente se pretende dizer (função críptica); (b) por um desejo de diferenciar-se dos demais falantes, de marcar sua identidade frente a uma cultura instituída (função identitária); (c) pelo desejo de brincar com o interlocutor, conferindo à conversa um caráter cômico ao alterar-se a forma das palavras (função lúdica); (d) pelo desejo de expressar, através do significante utilizado, ironia, crítica ou desprezo pelo referente (função expressiva).

Embora esse fenômeno pareça haver surgindo em meados do século XIX na capital argentina, há registros acerca do uso de metátese em palavras da

⁴ Tais processos podem ser os mesmos que incidem sobre a língua corrente (derivação e composição, por exemplo), ou podem ser, ainda, processos incomuns de criação lexical (metátese, truncamento etc.).

língua espanhola desde o século XVII. Prova disso é a utilização, por Góngora, da palavra “*tordo*” em lugar de *doctor* há cerca de quatrocentos anos (ALPOSTA, 2005), além da presença de vocábulos em *vesre* numa obra editada por Hidalgo em 1609, intitulada *Romances de germanía de varios autores* (TERUGGI, 1974)⁵.

Um dos objetivos originais do *vesre* era o de limitar a comunicação a um pequeno círculo de iniciados, sendo, por isto, uma linguagem secreta, largamente utilizada entre grupos marginais. Ao mesmo tempo, contribuiu para reforçar os laços de coesão identitária entre seus usuários, na medida em que os diferenciava dos falantes comuns. Exemplo disso é o seu emprego por ladrões, proxenetas, fraudadores e outros tipos ligados ao mundo da delinquência.

De acordo com o *Diccionario del habla de los argentinos*, publicado pela Academia Argentina de Letras (2003), o *lunfardo* (socioleto do qual o *vesre* faz parte) era utilizado inicialmente nas cadeias para evitar que guardas compreendessem o que estava sendo dito. Pouco a pouco, foi se estendendo também aos moradores da periferia de Buenos Aires e aos migrantes italianos e espanhóis que, em consequência da crise econômica europeia, buscaram estabelecer-se na região riopratense durante as últimas décadas do século XIX. Aglomerados em bairros insalubres, os chamados *arrabales*, esses grupos acabariam contribuindo com diversos empréstimos que serviram para ampliar sobremaneira o léxico do *lunfardo*.

Especificamente no caso do Peru, Carrión (1978) observa que a exploração do salitre teria exercido forte influência no intercâmbio linguístico sul-americano, o que explicaria a presença do *vesre* e de outros termos do *lunfardo* entre falantes peruanos, sobretudo entre os habitantes da capital. De acordo com o autor, esse fenômeno é apenas um dos muitos recursos linguísticos empregados pelos falantes de *replana*, como é chamado o *argot* dos marginais peruanos.

Com o passar dos anos, entretanto, as divisões sociais foram ficando cada vez menos rígidas, e esses grupos, cada vez menos isolados em guetos (CABELLO, 2002), o que possibilitou aos demais setores da sociedade o acesso ao *vesre*, bem como a outros termos e expressões anteriormente restritos àquele público específico. Contribuíram também para essa difusão o advento dos meios de comunicação de massa e a indústria do espetáculo, que ajudaram a tornar esse fenômeno uma espécie de modismo entre os jovens, especialmente entre aqueles pertencentes aos setores populares da capital.

⁵ De acordo com Calvet (1994), esse mesmo fenômeno, conhecido na França como *verlan* (por ser o contrário de *l'envers*) tem sido empregado pelo menos desde o século XVI. Segundo o autor, há registros acerca do emprego da forma “*Bonbour*” em lugar de *Bourbon* já em 1585.

Segundo Gálvez (2002), a adoção de termos do *argot* marginal por parte dos jovens tem a ver com um entendimento deturpado do conceito de masculinidade, que, no universo da delinquência, se manifesta através da prática da brutalidade, do sarcasmo, da insolência e do cinismo. Dessa forma, os jovens incorporam termos desse socioleto, recriando-os e adaptando-os a suas próprias necessidades expressivas e constituindo, assim, o seu próprio *argot*. No caso peruano, além de processos de criação lexical oriundos da *replana*, esse grupo viria a se apropriar também de termos do *argot criollo* (isto é, o falar pícaro dos limenhos), certos empréstimos do *quechua*, anglicismos e mexicanismos, para compor aquilo que é conhecido hoje como *jeringa*.

Nos últimos anos, a utilização do *vesre* pelos peruanos vem se estendendo a indivíduos de diferentes classes sociais e gerações, deixando de ser apenas um privilégio dos jovens dos setores populares para tornar-se uma importante marca da identidade local. Prova disso é que termos do *vesre* têm sido amplamente adotados pelas mídias impressa e televisiva, aparentemente como um recurso para estabelecer a cumplicidade com o leitor ou espectador, sobretudo com aqueles de origem popular.

3 O VESRE PERUANO

Ao mesmo tempo em que compartilha algumas semelhanças com a versão riopratense, o *vesre* peruano possui um padrão próprio em consequência das especificidades desse socioleto frente à variedade de espanhol praticada naquela região⁶.

Após uma observação inicial dos dados, reparamos que há um limite quanto ao número de transposições de segmentos, uma vez que reordenamentos drásticos tornariam a palavra irreconhecível, dificultando, com isso, sua identificação e, conseqüentemente, sua aceitação pelo falante (HUME, 2001). Por exemplo, a forma “*yápla*” (< *pláya*, “praia”) é preferida em vez de “*yápal*”, assim como “*toláca*” (< *caláto*, “nu”) constitui inversão preferível a “*catálo*”. Dos catorze casos detectados, encontramos apenas um em que ocorre desestruturação silábica: a palavra *fírme*, que, após metátese, torna-se “*mérfi*” em vez de “*méfir*”, que seria a forma esperada.

⁶ Essa afirmação se baseia na comparação com palavras de um glossário publicado no livro *El lunfardo en el tango y en la poética popular* (PÉRSICO, 2004). Em Ramírez (2013), realizou-se uma comparação entre palavras dissílabas de ambas as variedades sob uma perspectiva otimalista.

Em segundo lugar, verificamos que todas as formas presentes no *corpus* possuem apenas um pé métrico (Ex.: “tégen” < génte; “toláca” < caláto), o que parece explicar a inexistência de formas polissílabas nesse *argot*. Quanto à estrutura do pé, esta adquire a forma de um troqueu silábico, isto é, um agrupamento de duas sílabas com proeminência à esquerda (*). Assim, *cálle*, “rua”, transforma-se em “lléca”, *fuérza*, “força”, em “záfuer” e *pláya*, “praia”, em “yápla”, sendo o peso silábico ignorado em favor da manutenção do padrão acentual paroxítono, inclusive quando a sílaba tônica da palavra base é a última (Ex.: *mujér*, “mulher” > “jérma”⁷).

Já no caso dos trissílabos, notamos preferência pela sequência 3-2-1, uma vez que implica menor violação da contiguidade entre sílabas e, conseqüentemente, maior proximidade entre a palavra base e a “derivada” (como no caso de *marído* > “doríma”). Uma das poucas exceções a essa tendência é “chopróve”, metátese da palavra *provécho*, “proveito”, em que observamos a transposição silábica em conformidade com uma ordem 3-1-2, e não com a ordem 3-2-1, como seria na forma esperada “chovépro”⁸. Padrão semelhante também ocorre com a forma “chobórra” (sequência 3-1-2), para “borracho”, também preferida, em detrimento da forma com a sequência 3-2-1: “chorrábo”.

Por ser a metátese um processo não-linear de criação lexical, os trabalhos empreendidos por autores peruanos (BENDEZÚ 1977; CARRIÓN 1978; RAMÍREZ 1996; GÁLVEZ 2002) não dão conta de explicar por que determinadas formas emergem na língua em detrimento de outras. Esses trabalhos, cuja preocupação gira em torno da realização de um mapeamento taxonômico para os processos de criação lexical encontrados no *argot* dos marginais peruanos (conhecido como *replana*), entre os quais se encontra o *vesre*, enfocam a metátese apenas sob uma perspectiva tradicional, ou seja, como simples inversão ou permuta de sílabas/ segmentos no interior da palavra. Assim, não é levado em conta o fato de o fenômeno lidar com demandas de diferentes níveis, necessitando, portanto, de um instrumental teórico que dê conta de explicar essas especificidades.

⁷ A alteração do segmento final do *output* “jérma” (isto é, a presença de [a] em lugar de [u], como seria na forma esperada “jérmu”) se dá posteriormente à metátese, não sendo consequência de nenhum processo fonético, mas de uma adaptação morfológica por parte do falante: por tratar-se de um substantivo feminino, imprime-se a marca de gênero através do acréscimo da desinência.

⁸ À semelhança do que ocorre com *provécho*, no caso da palavra *borracho*, a forma “chobórra” (sequência 3-1-2) é também “preferida” em detrimento da forma esperada “chorrábo” (sequência 3-2-1).

A língua espanhola, apesar de predominantemente aglutinativa, também faz uso de operações não-lineares (à metátese, somam-se outros processos atípicos tais como o truncamento e o *floreo verbal*⁹) para ampliação de seu vocabulário ou por necessidades expressivas diversas. Trata-se de processos não descritos de forma sistemática no castelhano e interpretados como irregulares e imprevisíveis pela maior parte dos estudiosos. Prova disso é que Ramírez (1996, p. 150) chegou a denominá-los de “extraños e insólitos cambios semánticos y fonéticos” antes de iniciar sua tentativa de mapeamento dos processos que compõem a gíria dos marginais peruanos.

O que autores como Ramírez parecem haver ignorado é o fato de essas formas estarem diretamente influenciadas por questões morfológicas e prosódicas relativas à língua espanhola. Dessa forma, a Teoria da Otimalidade se coloca como uma alternativa para esses casos, pois, devido a seu caráter paralelista, lida com demandas de diferentes níveis a um só tempo, diferentemente do que ocorre nas análises baseadas em RFPs (regras de formação de palavras), como as elaboradas no âmbito da Morfologia Lexical (ARONOFF, 1976).

4 A TEORIA DA OTIMALIDADE E AS VANTAGENS DE SUA UTILIZAÇÃO

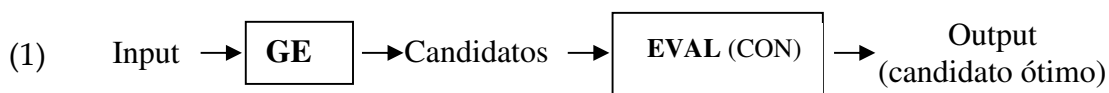
A Teoria da Otimalidade, proposta por Prince & Smolensky (1993), surge como uma alternativa aos modelos antecessores que trabalhavam essencialmente com regras. Na TO, regras foram substituídas por restrições universais necessariamente violáveis, que, uma vez ordenadas numa escala de relevância, levam à escolha da forma fonética realizada pelos falantes no uso da língua.

A TO, em sua versão dita clássica, assume que a partir de uma entrada lexical, o *input*, é gerada uma infinidade de candidatos que competem entre si com a intenção de emergir como forma resultante, isto é, como a que mais bem satisfaz a um conjunto de demandas de diferentes níveis previamente

⁹ *Floreo verbal* é o fenômeno que consiste no emprego de um item lexical em lugar de outro que contenha a mesma sequência fônica inicial, produzindo, com isto, falsos referentes (Carrión 1978). Costuma ser uma palavra da língua corrente ou um nome próprio, como, por exemplo, *Voltarén* (empregada no lugar de *vuelta* [volta]). A própria palavra que dá nome ao *argot* dos jovens peruanos é produto deste processo: o termo *jeringa* (que no dicionário quer dizer ‘seringa’) existe por semelhança com as palavras *jerga* e *jerigonza*.

ranqueadas. Entende-se que TO é um modelo maximamente voltado para as formas de superfície, os *outputs* ótimos (McCARTHY & PRINCE, 1993).

De acordo com Prince & Smolensky (1993), a arquitetura da TO é bastante simples e conta com dois componentes primordiais: GEN (gerador) e EVAL (avaliador). O primeiro assume como ponto de partida o *input* e gera uma possibilidade de candidatos a *output*, expondo-os à apreciação por um conjunto de restrições (CON) hierarquicamente ordenadas. O segundo componente avalia, paralela e simultaneamente, todos os candidatos gerados e seleciona o mais harmônico (a forma que de fato se realiza na língua). Assim, na gramática da TO, cada língua apresenta um conjunto de *inputs* e uma hierarquia específica de restrições contidas em CON. Logo, cabe a EVAL a escolha do candidato ótimo. A arquitetura da gramática da TO é representada esquematicamente em (1), a seguir:



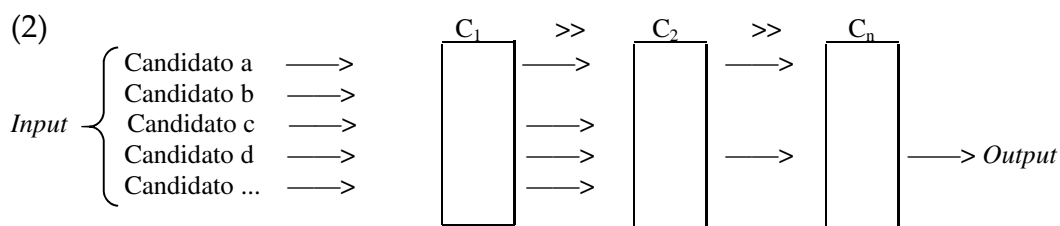
Segundo McCarthy & Prince (1993), os princípios básicos da TO são: (a) universalidade, que prevê um conjunto de restrições (CON) válidas para todas as línguas; (b) violabilidade, todas as restrições são violáveis, mas a violação deve ser mínima; (c) hierarquização, as restrições devem ser ordenadas intrinsecamente com base na língua específica e a violação mínima é definida em termos da hierarquia proposta; (d) inclusividade, todos os candidatos gerados são avaliados simultaneamente por uma hierarquia de restrições previamente definida; (e) paralelismo, o conjunto de candidatos é avaliado de forma paralela para satisfazer a hierarquia de restrições, ou seja, todos os candidatos são avaliados ao mesmo tempo e não há derivação serial.

Na TO, o termo restrição está associado a condições pré-estabelecidas que podem ser transgredidas ou não. Dito de outro modo, restrição refere-se a uma “exigência estrutural que deve ser satisfeita ou violada por uma forma de *output*” (KAGER, 1999: 04). As restrições de CON podem ser agrupadas em dois tipos básicos: MARCAÇÃO e FIDELIDADE. A primeira impõe exigências de boa formação estrutural à forma de superfície e está relacionada a fatores como facilidade articulatória, clareza perceptual, organização rítmica etc. Assim, as restrições de marcação militam em favor de exigências estruturais e referem-se a propriedades gramaticais do *output*, definindo, por exemplo, que as sílabas não devem apresentar ataques complexos (NOCOMPLEXONSET), não podem ser

travadas (NOCODA) ou tenham duas sílabas com proeminência à esquerda (RhTYPE=T). Por outro lado, as restrições de fidelidade requerem do *output* o máximo de parecesença com o *input*, isto é, ampla identidade no mapeamento entre *input-output*, devendo ser evitadas inserções, deleções ou permuta de segmentos, por exemplo. Bernhardt & Stemberger (1998) afirmam que as restrições de marcação são motivadas pelas necessidades do falante, ao passo que as restrições de fidelidade são motivadas em função do ouvinte.

De acordo com Kager (1999, p. 3), as restrições estão intrinsecamente em conflito e, portanto, os candidatos “logicamente gerados em qualquer gramática necessariamente violarão pelo menos alguma restrição. As gramáticas devem ser capazes de regular os conflitos entre as restrições universais, a fim de selecionar a forma mais harmônica ou *output* ótimo”. Entende-se, dessa maneira, que a gramática de uma língua é um sistema de forças conflitantes e que o meio encontrado para solucionar o conflito é o ordenamento dessas restrições em uma rígida hierarquia. Concluindo, restrições podem ser violadas e hierarquizadas, além de estabelecerem entre si uma relação de dominância que determinará a seleção do candidato mais harmônico, o *output* ótimo.

O fundamento básico da TO é, conforme apontamos mais acima, a ordenação de restrições violáveis numa escala de relevância. Os candidatos a *output* produzidos por GEN são avaliados de acordo com um conjunto de restrições hierarquicamente ranqueadas (1 >> 2 >> ... >> n) que potencialmente podem eliminar algum concorrente. O processo de eliminação na TO é esquematizado em (2), a seguir:



Mapeamento *input-output* na TO (KAGER, 1999: 8)

No âmbito da TO, o *output* ótimo é o que mais bem satisfaz as demandas da hierarquia, não sendo necessariamente perfeito, pois, estando as restrições em permanente conflito, mesmo as formas ótimas são infratores em potencial. Para apresentar e organizar os processos de geração, seleção e avaliação dos candidatos

a *output* ótimo, a TO adota uma representação gráfica em formato de tabela, denominada *tableau*, padronizada da seguinte forma:

(3)

/input/	Restrição ₁	Restrição ₂
a. ☞ cand ₁		*
b. cand ₂	* !	

Tableau 1: Ilustração do efeito de EVAL.

No *tableau*, temos o /input/ (forma subjacente) é posicionado na primeira célula, sendo seguido horizontalmente pelas restrições de CON relevantes à análise. Verticalmente, abaixo do /input/, são apresentados os candidatos ({cand₁, cand₂,...}) gerados por GEN (gerador) e avaliados por EVAL (avaliador). A relação de dominância na hierarquia é expressa a partir da segunda célula da esquerda para a direita, ou seja, a primeira restrição do *ranking*, situada à direita do /input/, ocupa o topo da hierarquia e, portanto, é prioritária e qualquer violação a ela pode ser fatal. Ainda no *tableau*, O *asterisco* (*) indica a quantidade de violações sofridas por cada candidato enquanto a *exclamação* (!) assinala que houve uma violação fatal e, desse modo, demonstra que o candidato foi descartado da competição. Nesse caso, o efeito-sombra, na célula situada à direita do candidato (b), representa a atuação irrelevante da restrição, uma vez que o vencedor, indicado por meio do ícone (☞), já foi selecionado por R1, restrição mais importante.

5 RESTRIÇÕES ATUANTES NO PADRÃO TRISSILÁBICO

Esta seção tem por objetivo apresentar, sob a perspectiva da TO, as restrições atuantes no processo de metátese aplicado a palavras trissílabas. O levantamento das restrições é feito com base em itens lexicais amplamente empregados entre os peruanos, pois, de acordo a TO, são as próprias formas de superfície (*outputs*) as responsáveis por revelar as restrições relevantes no fenômeno em questão (GONÇALVES & PIZA, 2010). Em outras palavras, afirmam os autores, é somente com base no uso que podemos perceber quais restrições estão em jogo naquele processo e de que forma se organizam a fim de permitir a emergência do candidato ótimo.

Os dados do *corpus* revelam que as formas trissílabicas possuem apenas um pé e apresentam acentuação paroxítona, bem como a transposição de sílabas ou segmentos em seu interior¹⁰. Portanto, consideramos que a primeira restrição a integrar essa hierarquia é **RhTYPE=T** (tipo rítmico = troqueu), que demanda que o pé métrico de toda forma emergente seja um troqueu do tipo silábico (isto é, um dissílabo com proeminência inicial), de forma a respeitar o padrão rítmico mais frequente na língua espanhola (SABOUNDJIAN, 2004). Assim, ocorre violação nos casos em que a última sílaba for tônica, pois, nesse caso, teríamos um iambo em vez de um troqueu. Exemplo disso é o que ocorre na forma “*rimá*”, candidato a *output* para o *input* *marído*.

A próxima restrição a compor o *ranking* estabelecido para a análise do padrão trissilábico é ***COMPLEX_{ONSET}**_{MWd}, uma restrição de marcação contextualizada que milita contra a aparição de *onsets* complexos no final de uma palavra morfológica (MWd, abreviação da forma inglesa *Morphological Word*). Essa restrição penaliza candidatos com *onset* ramificado na borda direita da palavra, a exemplo de “*chovépro*”, candidato a *output* para o *input* *provécho*.

Há, ainda, duas características fundamentais na formação dos trissílabos empregados na *jeringa* peruana, que é o melhor respeito à contiguidade silábica e à linearidade dos segmentos, tais como estão dispostos no *input*. Com base nessa evidência, deverão ser incorporadas duas restrições ao final da hierarquia: **CONTIGUITY- σ** (contiguidade silábica) e **LINEARITY** (linearidade).

A primeira delas, **CONTIGUITY- σ** , irrelevante na análise de formas compostas de duas sílabas, é fundamental na caracterização da metátese em palavras trissilábicas da *jeringa*, pois, de acordo com nossos dados, a forma ótima será sempre aquela que não infringir essa restrição, definida da seguinte maneira: “sílabas contíguas em S1 deverão ser também contíguas em S2”, de modo que uma violação ocorrerá cada vez que a adjacência de sílabas for rompida em S2. De acordo com McCarthy e Prince (1993: 291), **CONTIGUITY** é violada “cada vez que a adjacência de elementos em S1 for rompida em S2”. Como nossos dados revelam uma preocupação com a contiguidade das sílabas (e não dos segmentos da palavra), tomamos a liberdade de adaptar essa restrição, transformando-a em **CONTIGUITY- σ** . Considerem-se os dados a seguir, com as possíveis inversões silábicas para a forma “*marído*”:

¹⁰ As formas dissílabas, examinadas em Ramírez (2013), também possuem um tipo rítmico trocaico. A diferença é que, nas formas trissílabas, observamos a presença de uma sílaba a mais à esquerda. Essa sílaba, porém, é considerada desgarrada, e assim continuamos a ter em nosso *corpus* formas com apenas um pé.

- (4) ma. rí. do :: **ma** é contígua a **ri** e **ri** é contígua a **do**
 a. do. rí. ma :: **do** é contígua a **ri** e **ri** é contígua a **ma**
 b. ri. dó. ma :: **ri** é contígua a **do**, mas **do** não é contígua a **ma**
 c. do. má. ri :: **ma** é contígua a **rí**, mas **do** não é contígua a **ma**
 d. ri. má. do :: **ma** é contígua a **ri**, mas **do** não é contígua a **ma**
 e. ma. dó. ri :: **do** é contígua a **ri**, **ri** não é contígua a **ma**

Como se vê, somente a forma que mantém a sílaba medial na posição originária consegue respeitar as relações de adjacência entre as sílabas da forma de base, atendendo CONTIG da melhor maneira possível. Todas as demais inversões acabam por deixar adjacentes sílabas não contíguas no *input* “marído”.

LINEARITY determina que seja marcada uma violação cada vez que um par de segmentos adjacentes do *output* não estiver na ordem em que figura no *input*. Embora CONTIGUITY- σ milite contra a alteração na ordem das sílabas, LINEARITY (LIN) é responsável por garantir a manutenção da ordem dos segmentos na palavra como um todo. LIN faz-se necessária na medida em que a essência do processo de metátese é a alteração da ordem dos segmentos de determinada palavra. Essa alteração, no entanto, tem de ser mínima, não podendo ser fortuita. À semelhança do que observamos para os dissílabos, o fenômeno da metátese emerge em função da violabilidade de LIN, mas essa violação deverá ser mínima, de modo a assegurar, da melhor maneira possível, o rastreamento da forma de base.

Uma vez definidas as restrições relevantes para o padrão trissilábico, é possível montar uma hierarquia de análise, que, de acordo com nossos dados, apresenta-se da seguinte forma: **RhTYPE=T** >> ***COMPLEX_{ONSET}]_{MWd}** >> **CONTIG- σ** >> **LIN**. Segundo essa representação, as restrições à esquerda dominam as restrições à direita, sendo **RhTYPE=T** a restrição mais relevante para padrão e **LIN**, a menos relevante.

A partir da seleção das restrições e de seu ordenamento hierárquico, podemos proceder à análise de nossos dados, trabalho ao qual está dedicada a seção seguinte.

6 ANÁLISE DOS DADOS

A fim de observarmos como o fenômeno da metátese opera na *jeringa* peruana, analisamos três formas trissílabas presentes no *corpus*, a saber:

“*doríma*” (< *marído*), “*chopróve*” (< *provécho*) e “*toláca*” (< *caláto*). Exemplos de usos conforme aparecem no *corpus* são apresentados em (5)¹¹: Após o fragmento, segue a data da publicação e a respectiva tradução:

(5) “(...) no solo el cumbiambero Christian Domínguez habría cometido bigamia, sino también una conocida ex porrista y que hace poquito rompió palitos con su dorima cubichi...” (01/07/2010)

“El chino Miyashiro le dio un papel en su producción de taxista, mujeriego y florero que le cayó como anillo al dedo... ¡Choprove!...” (13/06/2010)

“(...) el tal Carlos Barraza, siempre llega a la tela para sus conciertos y hasta se tira el ropero encima para agrandar a sus fans, pero al final de sus shows por poco y acaba tolaca...” (14/06/2010)

Nos *tableaux* a seguir, além das convenções já apresentadas na seção anterior, os pontos indicam fronteira entre sílabas, o negrito servirá para destacar a sílaba proeminente de cada pé, o acento agudo destaca a sílaba tônica da palavra lexical e os números embaixo de cada candidato correspondem à ordem em que os segmentos do *input* figuram no *output*. Na formalização dos candidatos, a palavra prosódica e o pé estão delimitados por colchetes e parênteses, respectivamente. Passemos, agora, à análise dos trissílabos, a começar pelo *input* *caláto*, para o qual selecionamos quatro candidatos, conforme consta no *tableau* a seguir:

<i>Input:</i> /kAláto/ 123456	RhTYPE=Ts	*COMPLEXONSET]MWS	CONTIG G	LIN
a)[to.(lá.ka)] 563412				** 2-3; 4-5
b)[ka.(tá.lo)] 125436				***! 3-4; 4-5; 5-6
c)[(to.lá)] 5634	*!		* ka-lá	*** 1-2; 2-3; 4-5
d)[la(ká.to)] 341256			*! lá-to	** 2-3; 4-5

Tableau 2: Emergência da forma “tolaka”.

¹¹ Traduções: [(...) Não só o cantor de cumbia Christian Domínguez teria cometido bigamia, mas também uma conhecida ex animadora de torcida e que há pouco tempo se separou de seu marido cubano...]; [O chinês Miyashiro deu a ele um papel de taxista, mulherengo e malandro em seu programa, que caiu para ele como uma luva... Proveito!...]; [(...) o tal Carlos Barraza sempre chega bem vestido para seus *shows* e até joga o guarda-roupa em cima das fãs para agradá-las, mas no final dos *shows*, por pouco e acaba pelado...].

Com relação à primeira restrição, observamos a eliminação do candidato (c), uma vez que este não obedece ao pé métrico priorizado na *jeringa* peruana, a saber, o troqueu silábico, uma vez que a sílaba dominante figura à direita. Em *COMPLEX_{ONSET}]_{MWD}, por sua vez, não haverá nenhuma violação devido ao fato de nenhum dos candidatos elencados possuir *onset* complexo em sua borda direita.

No que tange a CONTIG- σ , os candidatos (c) e (d) cometem uma violação cada por apresentarem uma quebra da contiguidade silábica: no primeiro caso, a transposição de sílabas na palavra, seguida do apagamento da sílaba [ka], determinam a perda da contiguidade entre [ka] e [la]; já no segundo, perde-se a contiguidade entre as sílabas [la] e [to], sendo essa violação considerada fatal para esse candidato. Quanto ao candidato (b), a dissolução das sílabas originais – [la] e [to] – acaba por impossibilitar sua avaliação do ponto de vista da contiguidade silábica.

A restrição LIN é violada por todos os candidatos, em maior ou menor escala: cometem duas violações cada os candidatos (a) e (d), contra três violações cada dos candidatos (b) e (c). Uma vez que os candidatos (c) e (d) já haviam sido eliminados por conta de restrições anteriores, emerge como forma ótima aquela representada pelo candidato (a), em que a adjacência é perdida apenas entre os segmentos 2 e 3, de um lado, e 4 e 5, de outro. O candidato (b), que troca os núcleos silábicos de posição, acaba infringindo mais a restrição LIN, uma vez que rompe com a adjacência de mais segmentos do *input*.

Para o próximo *input* a ser analisado, *marido*, propomos cinco candidatos, conforme fizemos em (4), para mostrar os efeitos de CONTIG- σ :

<i>Input:</i> /mariDo/ 123456	RhTYPE=Ts	*COMPLEX _{ONSET}] _{MWD}	CONTIG σ	LIN
a)[do.(ri.ma)] 563412				** 2-3;4-5
b)[ri.(Dó.ma)] 345612			*! ma-ri	* 2-3
c)[da.(mi.ro)] 521436				***!*** 1-2;2-3;3-4;4-5;5-6
d)[(ri.má)] 3412	*!		* ri-do	*** 2-3;4-5;5-6
e)[do.(má.ri)] 563412			*! ri-do	** 2-3;4-5

Tableau 3: Emergência da forma “doríma”.

Das cinco formas apresentadas, a única que viola a primeira restrição é o candidato (d) pelo fato de possuir a estrutura métrica de um iambo (com sílaba proeminente ao final), sendo, portanto, eliminado. Quanto à segunda restrição, $*\text{COMPLEX}_{\text{ONSET}}]_{\text{MWD}}$, nenhum candidato cometerá infração pelo fato de não termos palavras com *onset* ramificado em sua borda direita. Com relação à $\text{CONTIG-}\sigma$, que milita contra a ruptura, no *output*, da adjacência de sílabas, cometem uma infração cada os candidatos (b), (d) e (e). Apesar de haver sido já eliminado, é marcada no *tableau* a violação do candidato (d), que se dá em função da transposição de sílabas na palavra, seguida do apagamento da sílaba [do], que determinam a perda da contiguidade entre [ři] e [do]. Já no caso de (b) e (e), suas violações são fatais e se justificam pela não manutenção da contiguidade entre as sílabas [ma] e [ři] e entre [ři] e [do], respectivamente. Quanto ao candidato (c), a dissolução das sílabas originais acaba por impossibilitar sua avaliação do ponto de vista da contiguidade silábica, porém, no quesito linearidade, este candidato cometerá várias violações se comparado aos demais. Como restam apenas esse candidato e o candidato (a) para decidirmos o resultado da otimalidade, uma vez que os demais foram anteriormente eliminados por restrições prioritárias na hierarquia, concluímos que a forma ótima será aquela representada pelo candidato (a), muito mais bem sucedido que (c) na avaliação de LIN, por preservar a adjacência de um número maior de segmentos do *input*.

Finalizamos esta seção com a análise do *input provécho*, para o qual propomos igualmente quatro candidatos, conforme consta no *tableau* que segue:

<i>Input:</i> /proBétSo/ 1234567	RhTYPE=Ts	*COMPLEX _{ONSET}]MWD	CONTIG σ	LIN
a) [tSo.(pró.Be)] 6712345			* BétSo	* 5-6
b) [tSo.(Bé.pro)] 6745123		*!		** 3-4;5-6
c) [bé.(pró.tSo)] 4512367			* bétSo	**! 3-4;5-6
d) [(bé.pro)] 45123			* bétSo	**! 3-4;5-6

Tableau 4: Emergência da forma “choprove”.

No *tableau* em questão, nenhum candidato viola RhTYPE=Ts por todos formarem troqueus e garantirem a acentuação paroxítona da forma resultante. Já em relação à segunda restrição, até então inativa, observamos que o

candidato (b) comete uma violação fatal por ser o único a apresentar, em sua borda direita, um *onset* ramificado, isto é, composto de duas consoantes.

Quanto à restrição CONTIG- σ , todos os candidatos restantes devem ser penalizados por apresentarem uma quebra de contiguidade entre as sílabas [Be] e [tSo]: no caso dos candidatos (a) e (c), essa contiguidade é interrompida em consequência da transposição das sílabas para outras posições no interior da palavra, enquanto no caso de (d), observamos a transposição silábica seguida do apagamento da sequência [tSo].

No que se refere à LIN, por sua vez, todos os candidatos cometem alguma violação: observamos duas violações cada dos candidatos (b), (c) e (d) e apenas uma violação do candidato (a). Assim sendo, emergirá como forma ótima aquela representada pelo candidato (a). observa-se, portanto, que, apesar de ranqueada mais baixo, LIN é decisiva na seleção da forma vencedora, o que justifica ser a gravidade da violação um aspecto que caracteriza o fenômeno: quanto menos distúrbio houver na sequência de sons, melhor o resultado. Na seção que segue, tecemos algumas considerações acerca do material analisado, com vistas a discutir a suposta irregularidade desse processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo, abordamos as origens do *vesre*, fenômeno de caráter sociolinguístico que, amplamente difundido nas variedades de espanhol peruano e riopratense, consiste basicamente na aplicação da metátese a palavras da língua corrente. Discorremos, ainda, sobre o perfil de seus falantes e sobre as motivações de sua utilização.

Mostramos que a metátese é um processo que decorre da interação de fatores estruturais e sociais, podendo ser empregada sincronicamente não somente para preservar os padrões da língua, como é o caso do Lituano e do DEg, mas, também, como marca de uma classe social (a exemplo da variedade popular do Português Brasileiro) ou de grupos específicos (como é o caso dos imigrantes italianos radicados na capital argentina e dos marginais peruanos).

Por ser a metátese um processo de formação de palavras não-canônico, tem sido muitas vezes tratada pelas abordagens tradicionais como fenômeno marginal e irregular, sendo seu estudo restrito geralmente à fonologia histórica. Dessa forma, buscamos analisar o fenômeno à luz da Teoria da Otimalidade,

quadro teórico não-derivacional cujo diferencial é a utilização de restrições em vez de regras na análise de fenômenos linguísticos.

Uma vez definidos os postulados da teoria, buscamos estabelecer uma hierarquia de restrições que pudesse dar conta dos dados em destaque, a saber, palavras trissílabas coletadas de uma coluna de fofocas de um recém-extinto jornal popular veiculado na capital peruana, o *Ajá*. Vimos que o *vesre*, aplicado a palavras trissílabas, produz formas ótimas trocaicas, com borda direta não ramificada (*onset* não complexo) e com, no máximo, uma violação à contiguidade entre sílabas.

Outra característica do fenômeno, esta de suma importância, é a natural violabilidade da restrição LINEARITY, uma vez que a metátese se caracteriza pela transposição de sílabas ou segmentos no interior da palavra. Essa violação, entretanto, possui um limite (no máximo duas vezes), uma vez que reordenamentos maiores tornam a palavra irreconhecível para o falante/ouvinte, prejudicando sua identificação e, conseqüentemente, sua aceitação na língua (HUME, 2001).

Diante do exposto, nosso trabalho cumpre com o objetivo inicialmente proposto: compreender porque certas formas emergem na língua em detrimento de outras, através da elaboração de uma hierarquia de restrições sob uma perspectiva otimalista. Além de sua eficiência na análise dos dados encontrados no *corpus*, acreditamos que a hierarquia aqui definida consiga dar conta também de outras palavras trissílabas não disponíveis naquele material, dada a ampla regularidade do processo.

Dessa forma, concluímos que, diferentemente do que defendem alguns autores, o referido processo apresenta regularidades, sendo, portanto, passível de padronização. Através de nossas análises, pudemos demonstrar que toda a criatividade empregada na formação de palavras pelos usuários do *vesre* não é aleatória e irregular, mas se submete a padrões bem estabelecidos na língua da qual se origina.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA ARGENTINA DE LETRAS. *Diccionario del habla de los argentinos*. 2ª ed., Buenos Aires: Espasa, 2003.
- ABAD, F. *Diccionario de Linguística de la Escuela Española*. Madrid: Gredos, 1986.
- ALPOSTA, L. *Mosaicos Porteños*. Buenos Aires: Marcelo Hector Oliveri, 2005.

-
- ARONOFF, M. *Word formation in Generative Grammar*. Massachusetts: MIT Press, 1976.
- BENDEZÚ, G. *Argot limeño o jerga criolla del Perú*. Lima: Editorial Universo, 1977.
- BERNHARDT, B.; Stemberger, J. *Handbook of phonological development from the perspective of constraint-based nonlinear phonology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- CABELLO, A. R. Linguagens especiais: realidade linguística operante. *Revista Uniletras*, Ponta Grossa, n. 24, 2002, p. 167-182.
- CALVET, J. L. *L'argot*. Paris: PUF, 1994.
- CARRIÓN, E. La jerga de los malhechores peruanos. In: Actas del IV Congreso Internacional de ALFAL, 1978. *Linguística y Educación*. Buenos Aires: ALFAL, 1978, p. 268-279.
- CRYSTAL, D. *Dicionário de Linguística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- DAVIDSON, J. *A Contrastive Study of the Grammatical Structures of Aymara and Cuzco Kechua*. PhD. Dissertation. Berkeley: University of California, 1997.
- DOR, D. *Deriving the verbal paradigm of Modern Hebrew: A constraint-based approach*, Ms. California: Stanford University, 1993.
- DUBOIS, J. et alli. *Dicionário de Linguística*. 16ª ed., São Paulo: Cultrix, 2011.
- GÁLVEZ, J. *Lenguaje jergal*. Lima: Hipocampo Editores, 2002.
- GONÇALVES, C. A.; PIZA, M. Pequena introdução à Teoria da Otimalidade. In: GONÇALVES, C. A. et alii (Orgs.). *Otimalidade em foco: morfologia e fonologia do português*, Rio de Janeiro, Publit, 2010, p. 11-44.
- HAYES, B. *Metrical stress theory*. Chicago: University of Chicago Press, 1995
- HERZALLAH, R. *Syncope and epenthesis in Palestinian Arabic: an instance of derivational constraint violation*. Ms. New York: Cornell University, 1987.
- HEWITT, G. *Georgian: a Structural Reference Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.
- HIDALGO, J. *Romances de germanía de varios autores*. Madrid: D. Antonio de Sancha, 1609.
- HORA, D. et alii. Português Brasileiro: uma língua de metátese? *Letras de Hoje*, Porto Alegre, n. 42, p. 178-196, 2007.
- HUME, E. Metathesis: formal and functional considerations. In: HUME, E. et alii (Eds.). *Surface Syllable Structure and Segment Sequencing*. Leiden: HIL, 2001, p. 1-25.
- KAGER, R. *Optimality theory*. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1999.
- MCCARTHY, J.; PRINCE, A. *Prosodic morphology I: constraint interaction and satisfaction*. Rutgers: Rutgers University Center for Cognitive Science, 1993. (Technical Report #3)
- PÉRSICO, E. *Lunfardo en el Tango y la poética popular: glosario, ensayo de voces y poemas*. Buenos Aires: Proyecto Editorial, 2004.

PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. *Optimality Theory: constraints interaction in generative grammar*. Boulder: University of Colorado/ Rutgers University, 1993.

RAMÍREZ, L. H. *Estructura y funcionamiento del lenguaje*. Lima: Derrama Magisterial, 1996.

RAMÍREZ, T. Processos de criação lexical na gíria peruana: o caso do “floreo verbal”. *Cadernos de Letras da UFF*, Niterói, n. 47, 2013, p. 315-331.

SABOUNDJIAN, M. *La asignación del acento en castellano*. 2004. 133 f. Tese. (Doutorado em Lingüística). Barcelona, Instituto de Letras, Universidad Autónoma de Barcelona.

TERUGGI, M. *Panorama del lunfardo: Génesis y Esencia de las Hablas Coloquiales Urbanas*. Buenos Aires: Ediciones Cabargón, 1974.

VAGO, R. *The Sound Pattern of Hungarian*. Washington: Georgetown University Press, 1980.